



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Nem quero ver 2...

Que me perdoem os entendidos, mas, ante os acontecimentos, darei novamente minhas botinadas no campo do futebol. Torci e me retorci para que eu estivesse completamente errado em minhas análises e previsões sobre o jogo de estreia da Seleção Brasileira contra o Marrocos. Mas, infelizmente, eu estava certo. Não foi profecia, mirei apenas o óbvio: nosso time não tem meio de campo. Casemiro, Bruno Guimarães e Paquetá jogaram muito mal. Posicionaram-se de

maneira equivocada, deixando muitos espaços, sempre chegavam atrasados e tinham de fazer faltas. O nosso time não ganhava nenhum rebote.

A sofrência no primeiro tempo foi enorme para nós. Os três são bons jogadores. Todavia, Casemiro não tem mais a mesma condição física para cobrir a defesa como fazia até a última Copa. Bruno Guimarães não é nem sombra do jogador que brilha no Newcastle. E Paquetá, em qualquer clube, é displicente, perde bolas fáceis e dá passes bisonhos, que resultam em chances para o adversário.

Aconteceu o que se temia em uma Copa do Mundo. Ele entregou a bola para o contra-ataque mortal de Marrocos, que culminou no gol de Ismael Saïbari. Logo na sequência, num dos raros

momentos em que Casemiro acertou um passe, Vini Jr. aplicou um drible no marcador e fuzilou para as redes marroquinas para empatar o jogo.

Foi um instante de iluminação em que o Brasil teve uma nostalgia de ser Brasil. Lembrou as jogadas dos grandes craques brasileiros que levantaram a taça da Copa do Mundo cinco vezes. Vini Jr. é um herdeiro solitário dessa linhagem de jogadores que mudam a história de uma partida em um relance. A diferença é que, agora, temos um Vini Jr. e, em Copas anteriores, tínhamos uns quatro ou cinco foras de série, nas laterais, no meio de campo e no ataque.

Mas não adianta se esconder em uma sessão nostalgia ou na palhaçada do marketing. A Seleção Brasileira

pode jogar melhor com algumas substituições. Endrick, Luiz Henrique e Fabinho pedem passagem. Se eles entrarem, o Brasil jogará melhor. O meio de campo precisa dominar, trocar mais passes, passar mais rápido, acertar os passes e deixar os nossos atacantes mano a mano com os beques adversários. O lance do gol de Vini Jr. foi um dos únicos em que nasceu de um passe em condição do drible e do arremate para o gol.

No segundo tempo, o Brasil melhorou um pouco com as substituições de Casemiro por Fabinho, Paquetá por Danilo Santos e de Ibanez por Danilo Silva. E deve jogar melhor daqui para frente. Mas, na verdade, o futebol evoluiu muito em quase todo o planeta, e o Brasil ficou para trás. Como se explica que um

país pequeno como Marrocos tenha uma seleção mais organizada, taticamente, do que o Brasil?

É verdade que a Alemanha ganhou de 7 de Curaçao, mas a Espanha não conseguiu sair do 0x0 contra Cabo Verde. Eu acho que vamos ter muitas surpresas nesta Copa. Vejo as pessoas vendendo camisetas da Seleção à beira da estrada, os restaurantes embandeirados, as crianças colecionando figurinhas, os caras que vendem churrasquinho de gato abastecidos. Que a Seleção Brasileira nos dê motivos para comemorar nos próximos jogos, como aquele lampejo de Vini Jr. no gol contra Marrocos. Que o Brasil não tenha medo de ganhar. É muito bom quando o Brasil decide ser Brasil.

Moda autoral GANHA FORÇA NA passarela

Evento do Grupo Brasília de Moda reuniu estilistas, modelos e empresários locais para valorizar a economia criativa

» VITÓRIA TORRES

Quando as luzes da passarela se acenderam no histórico Brasília Palace Hotel, não foram apenas roupas que desfilaram. Histórias de estilistas e de modelos transformaram a moda brasiliense em manifesto de identidade.

O Grupo Brasília de Moda (GBM) promoveu, ontem, o desfile "Brasília — Uma cidade que inspira. Uma moda que expressa". O evento reuniu as marcas Allegrinho Kids, KNK Fitwear, Lago por Luiz Antônio, Nágela Maria, Soul Livier, Traje Sport, Vento Radical e Vilma Rocha. O desfile foi aberto pela Allegrinho Kids, que levou à passarela modelos mirins. O grupo também encerrou o evento, com roupas que homenagearam a Copa do Mundo.

O intuito do desfile foi fortalecer a moda autoral do Distrito Federal e destacar o papel da geração de oportunidades para pequenos empreendedores do setor. Idealizadora do GBM, Nágela Maria ressaltou a trajetória para consolidar o espaço da moda local. "Nós lutamos muito para chegar nesse lugar. Nasceu em Brasília, e vamos dar continuidade até morrer, porque acho que nada vai apagar o brilho da moda local daqui", afirmou. O grupo integra empresas independentes que apostam na produção artesanal. "São marcas simples, marcas que estão começando, trabalhadas e feitas à mão, com muita dificuldade, de bordado e de costuras. Nosso público são lojistas, empresários e o pessoal que gosta de moda", disse.

Entre as participantes do desfile estava a empresária Socorro Vale, dona da Vento Radical, especializada em moda praia e fitness. Conhecida também por confeccionar uniformes da rede pública de ensino, ela levou à passarela uma proposta voltada à diversidade. "A minha moda é inclusiva. Eu procuro sempre trazer modelos plus size e negras", explicou. A empresária destacou, ainda, a importância das peças sob medida para atender diferentes biótipos. "As vezes, a mulher é número 48 na parte de cima e 50 embaixo. Eu faço sob medida, porque é um estilo que as pessoas têm muita dificuldade de encontrar, algo que cabe no corpo delas", detalhou.

Identidade cultural

A representatividade também marcou a participação do coletivo e marca experimental Tela Ambulante, convidados pela organização a fazer uma manifestação de expressão de upcycling, ou seja, de repaginar peças. As modelos Nathalia Mendes, 26 anos, de Taguatinga, e Jessica de Oliveira, 28, de Sobradinho, destacaram que o trabalho busca dar visibilidade a grupos historicamente excluídos das passarelas. "A marca representa os corpos periféricos, os corpos que sempre são marginalizados. A gente busca trazer e renovar também as roupas. Tanto a periferia, quanto os corpos negros, quanto as pessoas trans, que realmente são marginalizadas", disse Nathalia.

Minervino Junior/CB/D.A Press



A empresária Socorro Vale, da Vento Radical, acompanha as modelos



A KNK Fitwear é especializada em moda fitness

Para Jessica, as peças trazem elementos que dialogam com memória e identidade cultural. "Nas roupas a gente coloca frases de músicas, nomes de pessoas que trazem essa representatividade pra gente, desenhos que trazem muito do nosso passado. Então, a gente trabalha muito com essa parte histórica também", acrescentou.

O evento contou com a presença do empresário Paulo Octávio, que elogiou a qualidade da produção na capital. "Foi-se o tempo em que o brasiliense tinha que procurar moda no Rio de Janeiro, em São Paulo, em outros estados. Hoje, Brasília tem figurinistas extraordinários, tem produtores de moda extraordinários. Esse desfile mostra muito bem como nós podemos fazer moda em Brasília, que é a capital fashion de toda a região Centro-Oeste. Então, valorizar a moda, valorizar o que é produzido em Brasília é sensacional", enfatizou.

Liana França Alagemovits, vice-presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, avaliou a importância do fomento à cultura. "Em todas as áreas da economia, nós ajudamos, nós estamos lá, nós estamos presentes. Reviver a GBM para a gente é um grande orgulho, e temos de estar juntos. Além disso, temos um conselho de design fantástico, onde a gente trata de economia criativa", assinalou. "Temos projetos com a Unesco tratando dos territórios da economia criativa no DF e estimulando nossos artistas, nossos artesãos, e capacitando também para que a indústria da moda possa reviver", completou.

Fotos: Minervino Junior/CB/D.A Press



Modelos mirins da Allegrinho abriram e encerraram o desfile



A Tela Ambulante trabalha com moda sustentável



A idealizadora do GMB, Nágela Maria